

Sobre Dora e dores: encontros afetivos de mulheres,  
entrevista com Lita Maria /

*About Dora and dores: affective encounters of women*  
*Interview with Lita Maria*

*Eliane Cristina Testa \**

Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP – 2015), Mestrado em Letras (UEL/PR – 2002). Atualmente é professora do Curso de Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus de Araguaína e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras/UFT).

 <https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>

*José Pereira dos Santos Filho \*\**

Doutorando em Letras: Ensino de Língua e Literatura (UFNT/TO), Mestre em Letras (UFT/TO – 2019). Graduação em Pedagogia (UFPI/PI – 2014), Graduação em Letras Português (JESPI/PI – 2012).

<http://lattes.cnpq.br/0437771956718362>

**Recebido em:** 10 mai. 2022. **Aprovado em:** 09 dez. 2022.

**Como citar esta entrevista:**

TESTA, Eliane Cristina. FILHO, José Pereira dos Santos. Sobre Dora e dores: encontros afetivos de mulheres, entrevista com Lita Maria. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 4, p. 188-201, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8050743>

**RESUMO**

Lita Maria traz em suas obras mulheres carpideiras, benzedeadas, rezadeiras, doceiras, lavadeiras e cantos de incências. Suas narrativas são povoadas de personagens singulares, de mulheres simples, mas que carregam reflexões e sabedorias profundas sobre a vida. Além disso, o mundo cotidiano é bastante explorado pela autora, às vezes, em um tom bem-humorado. Ademais, algumas de suas obras perspectivam a temática da morte com muita “beleza”. Nesta entrevista, concedida por e-mail em abril de 2022, ela fala um pouco do seu percurso literário, como escritora e leitora literária, ainda relata sua predileção por algumas temáticas que se reiteram em suas obras (seja

\*

 [poetisalia@gmail.com](mailto:poetisalia@gmail.com)

\*\*

 [josefilhooi@hotmail.com](mailto:josefilhooi@hotmail.com)

pela prosa, ou seja pela poesia), bem como comenta aspectos do seu processo de criação e obras, o que nos dá a perceber seus movimentos destinados à escrita e suas preferências por retratar mulheres simples, que podem estar de maneira “real-ficcional” afetivamente guardadas em suas memórias pessoais e/ou de infância.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lita Maria; Sobre Dora e Dores; Benzedeadas; Literatura Tocantinense.

**ABSTRACT**

*Lita Maria brings weeper women, healers, prayers, confectioners, washerwomen, and chants of “incelência” (chants for the dead at their funerals) in her works. The narratives have unique characters like simple women that evoke deep wisdom and thoughts about life. Furthermore, the author, sometimes with a good sense of humor, explores the daily world. Besides, some of her works have a perspective about death treated as “beauty”. In this interview designed by e-mail on April 2022, she talked about her career as a writer and literary reader. She also reports on her preferences on some themes that echo her works (prose and poetry), as well as comments on some aspects of her literary creation process. It allows us to notice some aspects of her writing and her preference to portray simple women who may be “real-fictionally” sentimentally stored in their personal and/or childhood memories.*

**KEYWORDS:** Lita Maria; About Dora And Dores; Prayers; Tocantinense Literature;



**Fig. 1:** Escritora Lita Maria  
Créditos da imagem: Santiago Francisco

**Entrevistadores:** Lita Maria, poderia nos contar como e quando sua história literária começou?

**Lita Maria:** Sempre tive um apetite voraz pelo ato de escrever. Desde tenra infância quando ainda rabiscava em cadernos, usando lápis preto comum e borrando as folhas com as pontas dos dedos, tentando apagar os rabiscos, já experimentava uma vontade enorme de escrever, escrever sobre qualquer coisa. Escrever... Contar histórias inventadas ali mesmo, no cotidiano dos quintais onde passei a infância, em zona rural ou em pequenas cidades do interior de Goiás. Assim, penso que a minha história literária sempre esteve presente e permeou minha infância e adolescência. Somente na vida adulta, o meu processo de criação se materializou na

publicação de obras literárias. Embora tenha começado por um livro de poemas “Carretel de Rosas” (2012), as narrativas longas, ficcionais ou não, sempre flertaram comigo, capturando-me e prendendo-me em imersões incompreendidas até para mim, em muitas das vezes.

Já na vida adulta e pensando sobre a importância da literatura, tento, com a minha escrita, chegar cada vez mais perto do que considero o legítimo papel da literatura: “A literatura como arte da palavra”. Sendo arte e carregando a ideia de transformação e de interação social, a literatura configura-se, para mim, em um importante instrumento de comunicação, e mais ainda, ela abarca um mundo de possibilidades na transmissão de conhecimentos. Transforma, empodera, amplia e emoldura a subjetividade do mundo.

**Entrevistadores:** Lita Maria, sabemos que suas obras abordam, principalmente, temáticas como a dor, a morte, a deslealdade, o cotidiano de mulheres simples. Poderia nos contar o que a leva escolher estas temáticas?

**Lita Maria:** Inúmeras vezes esse questionamento me foi servido. Por que a dor? Por que a morte? Por que você mergulha na cruza das relações? Enfim, por que tematiza a dor, de forma tão recorrente? Quando comecei a escrever o romance “O canto da carpideira” (2014) senti que seria importante falar sobre a dor. Abordar a dor no universo feminino que permeia esse romance tornou-se vital para eu trilhar pela história que eu queria contar. Senti que precisava revirar a dor até conseguir compreendê-la, num processo pessoal também de dor, quase um exorcismo. Mergulhar na dor leva-me a ampliar e exercitar a minha empatia nos espaços em que me coloco no mundo. Com a experiência de mergulhar nas temáticas da dor, da morte, das relações de deslealdade, e outras, penso que tateio com maior sensibilidade a dor do outro, mensurando-a, compreendendo-a sem julgamentos.

A dor, a morte, as mazelas sempre estiveram ali, materializadas em aspectos físicos ou emocionais. Muitos leitores, quando leem minhas obras, veem a minha dedicação aos temas da dor, da morte e da deslealdade nas relações que construo. Veem uma mulher escrevendo sobre as dores de outras mulheres. A gratidão me engole, porque ratifico essa experiência nos romances “O canto da carpideira” (2014) e em “Sobre Dora e dores” (2021). Mas meu percurso tem desvios, tem outros caminhos e estradas possíveis, tem trilhas onde mergulho também em outras narrativas, como no romance “O amor de Gato Tigre por Charlotte Cachecol” (2015). Mas,

voltando à temática da dor, as dores e as perdas transformadas em lamento no sertão são uma faceta da força de mulheres sofridas, que quero contar. O afeto, as experiências de sororidade entre essas mulheres são o principal fio condutor dessas narrativas ambientadas no sertão, em lugares ermos, ficcionais. Tais temáticas são muito mais do que escolhas em um leque de possibilidades quando um escritor segura a pena sobre o papel.

**Entrevistadores:** Você poderia comentar um pouco do seu percurso de leitora. Que autoras e autores marcaram a sua vida?

**Lita Maria:** Precursora das mulheres nos espaços de produção literária, Rachel de Queiroz, com o seu romance “O Quinze” (1930), inaugura e conquista um espaço no modernismo brasileiro. Primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, a premiada escritora Rachel de Queiroz, é uma das minhas maiores inspirações, por ser mulher, por ser acadêmica de uma Academia de Letras e por ser um ícone de empoderamento e de força. É muito difícil recortar algumas autoras e autores do universo de grandes nomes que influenciaram e influenciam cotidianamente o meu fazer literário. Pensar sobre essa influência abre-me a prosa realista de Machado de Assis, que sempre apresentou um mundo de possibilidades literárias à minha frente.

Da contemporaneidade ao passado, li Carolina de Jesus! Mulher, cuja força demonstrada nas lutas que travou contra o preconceito, leva-nos ao “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” (1ª Edição 1960), onde se descortina um mundo impensável de dor e sofrimento. Sempre li Clarice Lispector, essa incógnita da nossa literatura é e sempre será um farol na estrada tortuosa, sinuosa e desconhecida da arte de escrever. Mas é na doçura dos escritos de Cora Coralina, da antiga Vila Boa de Goyaz, que me perco e sonho. Assim, cito alguns e algumas, correndo o risco de não contemplar tantos autores e autoras que em uma obra, coletânea, um capítulo, parágrafo ou verso, registrou um momento ou uma eternidade que até hoje encontra ecos quando penso no meu processo de escrita. Vou dos versos de Florbela Espanca, do Alentejo à “Casa do Sol”, de Hilda Hilst, deleitando-me na profundidade dos seus escritos. Transitando pela região norte do país, no nosso Estado do Tocantins, cito Odir Rocha. Sua obra é densa, surpreendente e necessária. Um contista inato que me captura e me prende num fio tênue de beleza e encantamento. A escritora Isabel Dias Neves (chamada de

Belinha), com os seus poemas grandiosos em beleza, leveza e harmonia, enaltecendo o Norte do nosso querido Estado do Tocantins, com a profundidade das suas raízes me enleva. Os versos de Adélia Prado, com a força do seu cotidiano, têm me capturado de uma forma irrecusável. Grande poeta e contista, com a força da sua escrita feminina envolve-me em leveza.

**Entrevistadores:** Lita, quem adentrar em sua produção literária vai mergulhar em quais mundos ficcionais?

**Lita Maria:** Com uma narrativa simples, porém forte na grandeza do que ela representa, construí o cotidiano sofrido dos moradores do povoado Campineira do Anu Preto. Esse é o mundo ficcional onde ambiente grande parte das tramas dos meus dois romances já publicados: “O canto da carpideira” (2015) e Sobre Dora e dores (2021). É um lugar ficcional, onde a vida escoia lentamente no ritmo das tramas dolorosas que emolduram os dias ali. Nos arredores de Campineira do Anu Preto, como espectros geográficos, há diversos enredos envolvendo mortes prematuras, de orfandade, de abandono, de doenças conhecidas e desconhecidas do povaréu daquele lugar. Onde é esse lugar? Um pedaço de terra sertaneja nos arredores do povoado de Campineira, onde os habitantes dali, palmilhando a pé ou à cavalo, podem chegar às cidades pequenas, e daí à capital.

**Entrevistadores:** Lita Maria, você poderia nos dizer o que a poesia significa para você?

**Lita Maria:** Nas minhas imersões e nos meus estudos, a poesia, como elemento da subjetividade, me aterroriza com ares de objeto de desejo inalcançável, porque dialoga com os diferentes níveis de percepção. A sensibilidade e a abstração marcam a força da poesia mesmo quando ela é associada às diversas manifestações artísticas, seja na literatura, nas artes plásticas, no audiovisual, enfim, se recortarmos o conceito para a construção de poemas, penso que escrevê-los é um ato de coragem e amor. eu acrescento que, em muitos casos, é também um ato solitário, carregado de dor e angústia, pois o processo de construção pode demandar dores e sofrimentos que exigem do escritor/poeta um distanciamento, para que a poesia/poema venham com a dimensão necessária no contexto proposto. A poesia, portanto, significa muito para mim, tento construí-la como se fosse espinha dorsal das minhas obras. Tento retratar a realidade, poeticamente, sob a ótica da minha imaginação, para alcançar o leitor na sua

sensibilidade. Persigo a forma poética na minha escrita, pesquisando atributos metafísicos e existenciais para, por meio da prosa ou da poesia, lançar-me numa escrita estética.

**Entrevistadores:** A escritora Conceição Evaristo disse a seguinte frase-ideia “[...] escrever é uma maneira de sangrar; mas também de invocar e evocar vidas costuradas “com fios de ferro”. Lita, em seu percurso “real”-ficcional o que é escrever?

**Lita Maria:** Apropriando-me da ideia de “escrevivência” da escritora Conceição Evaristo (a partir de 2003, quando a escritora publica o romance “Ponciá Vicêncio” já surge a ideia de um texto ficcional como escrita e vivência: “escrevivência”), penso que a minha escrita nasce do cotidiano, das lembranças que acalento em mim e da experiência de vida de menina pobre, nascida em família numerosa, em “ranchinho” em terras alheias onde o meu pai trabalhava. Desse ponto de partida vou compondo meus romances, contos e poemas, revelando um sertão que, intruso, se mostra na minha escrita. O que é escrever? Sempre desejei me apropriar da arte de compor ou escrever romances, contos, crônicas, e por que não? Debulhar-me em versos, até tecer sentimentos poéticos. Fazer poesia. Sempre perdi-me, imaginação galopante, ora fantasiando ora inventando. A prosa habita em mim. Pega-me pela mão e, perdida em andanças por trilhas áridas, montanhosas, íngremes, planas, verdes ou salpicadas em um mundo desértico, mostra-me um viés subjetivo, ora estético ora cru. Ora formal ora social, ficcional, pueril e, em duas obras minhas, sertanejo. Gosto dos detalhes, das minúcias de uma boa narração. Repito as palavras que tantos escritores já propagaram: “Escrever é um ato de coragem”. É um entregar-se, amedrontada, à crítica. É lançar-se no espaço com um corpo frágil, sem asas. É sangrar e continuar vivendo.

**Entrevistadores:** Lita Maria, o seu livro “Carretel de Rosas” (2012) composto de sessenta poemas, escritos ora em versos livres e brancos, ora na forma de soneto, traz desde o título “as rosas”, como um signo de impermanência e de beleza. Ao adentrarmos nos poemas percebemos que o tempo e/ou a impermanência alinhavam muitos poemas. Para você, como é falar do tempo como *Leitmotiv* nas suas obras literárias, e, ainda, como parte do seu processo poético?

**Lita Maria:** Gosto de me confrontar com o significado metafórico da rosa, ao ponto de tê-la tatuado de várias formas no meu próprio corpo. No meu primeiro livro publicado “Carretel de rosas” (2012), o conceito de impermanência ali presente abarca a beleza que a rosa tenta mostrar. E é na fragilidade da rosa, na sua brevidade existencial que me expus para mostrar um terreno árido que nunca deveria ter sido acessado. Mas era a minha estreia como escritora e, mesmo com romances já costurados na gaveta, escolhi entrar no mundo literário vestida de poemas, mais precisamente, vestida de rosas, porque a vida é breve, impermanente e bela. Com o poema “Agouro”, exprimo um pouco desses conceitos:

Agouro

Fim, finito, finitude, faze-me a fineza  
De não comparecer ao sepultamento  
Na hora em que a poeira se rebelar  
E tudo cobrir para a alma partir no anonimato  
Num enterro, sem zelo, rumo ao desterro!

Verdade! Escuta! Faze-me a fineza  
De chorar pela minha alma em banimento,  
Deixando o corpo retorcido a agonizar  
Exposto, a nada, em anonimato. Coitado!  
Desenhar no chão seu sonho, derradeiro!

É hora! Agora! Dá-me a última esmola.  
Não afugentes o pássaro tristonho da pedra fria  
Que emoldura a sepultura. Que ternura!  
Deixa-o! Tão tristonho num pio urgente  
Fazer-me serenata, num agouro de agonia.

Espera! Quimera! Enterra-a também.  
Enterra o pássaro que geme, cantante.  
Cala o seu peitinho alado, agourento,  
Que pia triste, arrancando-te ao encanto  
De gozar na hora eterna que finda num instante.

Ah! A beleza do enterro quando há o atropelo

De sonhos que desistem de acordar  
E se deitam felizes, falecidos! Que ternura!  
Sob a garra frágil do pássaro na pedra fria,  
Cúmplices no prazer da dor de acabar.

Acaso meu coração, calado na lápide  
Ao piar triste, é também agourento?  
Por sofrer de amor até calar-se, e sua voz  
Em golfadas com o cheiro da cor ocre  
Cantar um amor tão antigo, macilento?

**Entrevistadores:** O “O Amor de Gato Tigre por Charlotte Cachecol” (2014), é um romance que trata de um diálogo cotidiano do mundo dos felinos com a vida doméstica. Por que adentrar no mundo dos felinos?

**Lita Maria:** Em 2009 tive, de forma inusitada, a experiência de adotar um gato. A convivência diária, a responsabilidade com a adoção, o aprendizado que experimentei para cuidar do filhote foi surpreendente, despertando em mim o desejo de contar a história dessa adoção, dando voz ao Gato Tigre, narrador do romance. Adentrar esse mundo paralelo dos felinos levou-me a conhecer inúmeras obras sobre tais temas, e ainda, conhecer a extensão desse universo nas redes sociais, nos diversos gêneros literários e linguagens artísticas. O que o cotidiano felino tem de diferente, de especial? É um mundo mágico, lúdico, original, inusitado, peculiar. Tratei os temas de forma leve, sendo todos os conflitos relacionados ao mundo felino, com as suas dores, alegrias, sofrimentos, dúvidas, desejos e medos. Os mesmos sentimentos que nós, humanos, sentimos. Milhares de pessoas no planeta tem gatos em casa. No meu romance, o narrador não é um gato de raça, da nobreza, com pedigree. É um autêntico “viralatas”. É o mesmo gato que deita e se esbalda nos sofás e camas das casas de milhares de pessoas pelo planeta. É um romance simples, puro, e verdadeiro. E, copiado da orelha da obra em questão, reflito que é um romance “tão verdadeiro quanto a maior mentira já contada sobre gatos e tão mentiroso quanto a maior verdade já registrada sobre eles”.

**Entrevistadores:** Lita, seu romance “O canto da Carpideira” (2015) apresenta um tema que ainda impacta a sociedade. Por que escolher falar da morte? Você acha que a morte, ainda, é um assunto tabu em nossa sociedade?

**Lita Maria:** Nascimento e morte sempre fizeram parte da história humana, porém, mesmo depois de séculos convivendo com esses dois eventos marcantes na vida de todo ser humano, ainda não conseguimos lidar com eles. Penso que há um componente de egoísmo na natureza humana quando somos colocados frente a frente com a finitude da vida. É insuportável a ideia de não ver mais alguém na vida terrena, ainda que, dentro da crença de cada um, pode ou não haver a esperança de reencontros. Por isso, a morte torna-se um tabu e, como não suportamos viver o dia da perda, também não suportamos falar sobre ele. Discorrer sobre essa não perenidade nas produções literárias foi e é importante. Necessário, eu diria. Inúmeras obras literárias já jorraram defuntos em suas páginas pelo olhar acurado, zeloso e sensível de grandes escritores. Essa experiência é atemporal e contínua. A dor, a morte, as mazelas sempre estiveram ali, materializadas em aspectos físicos ou emocionais. O que está por trás da intenção? Aprisionar o leitor em profundas reflexões? Arrancar-lhe lágrimas, fazendo-o sangrar como o escritor sangra ao palmilhar ruas poeirentas de sertões humildes, seguindo enterros? Marcar o leitor para que ele não saia incólume da experiência? Denunciar que em algum ponto do ciclo da vida há o fechamento agourento de olhos? Nas minhas obras, asseguro que não. Não há intenção construída. Há um sertão que habita em mim. Preciso contar as suas mazelas, denunciando-as para mim mesma na minha construção enquanto escritora.

**Entrevistadores:** Lita, seu livro “Sobre Dora e Dores” (lançado em setembro de 2021, pela Editora Veloso), conta o cotidiano dos moradores do povoado de Campineira do Anu Preto. Você se inspirou em algum “local” para criar este povoado ficcional? Poderia nos contar um pouco do processo de criação desta obra?

**Lita Maria:** Os arredores de Campineira do Anu Preto é um lugar geograficamente ficcional, construído desde o romance “O canto da carpideira”, publicado pela Editora UFT, em 2014. O lugar abarca as dificuldades, as mazelas e o cotidiano de tantos outros lugares pelo

interior do Brasil. Ficcional, porém, tem muitas Campineiras por aí. Ocorre que nasci na roça, zona rural, próxima ao município de Piranhas, cidade pequena do interior de Goiás. Passei parte da minha infância nesses lugares simples, onde o meu pai, lavrador, trabalhava. Mais tarde, minha família fixou residência em Trindade-GO, cidade com forte vocação religiosa. Ali cresci, embalada pelos causos ouvidos em rodas de conversa de adultos. Ainda sem repertório cognitivo necessário para elaborar as muitas histórias ouvidas, a imaginação galopava solta, ampliando as lacunas das histórias, mesclando personagens, fatos, dizeres e mitos. Nesse terreno fértil, cresci armazenando histórias inventadas, dentro de verdades infantis. Na vida adulta, revisitei esses recônditos pessoais e debruicei-me sobre leituras, pesquisas e causos que permeiam a vida de mulheres que tiram da labuta diária, de trabalhos artesanais, o seu sustento, num contexto em que tais mulheres não escolhem esse percurso, mas sim, são imposições frutos das construções sociais que as cercam. Assim, nasceram as dores de carpideiras, parteiras, lavadeiras, benzedeadas, etc.

**Entrevistadores:** Lita, você poderia nos dizer o porquê desta predileção em retratar a vida sofrida do povo do interior do Brasil?

**Lita Maria:** Sou filha de uma cidade goiana, carregada de religiosidade, sendo inclusive esse perfil religioso a maior área de investimento na economia local. Apesar de hoje constar um pouco mais de 120 mil habitantes, passei ali a minha meninice, nos arredores das ruas principais, morando em casas simples, em ruas empoeiradas, tendo os quintais das redondezas como espaços de lazer para as peraltagens da infância.

Cresci ouvindo “causos” que iam desde experiências com almas penadas, aos personagens “mal-assombrados” que viviam nas grandes e antigas casas da cidade. Assim, o tempo escoando paralelamente à vida simples da minha infância, as crianças correndo nas ruas de cidades do interior de Goiás, as pessoas mais velhas da família, os parentes que vinham em visita, os moradores da região, contavam e recontavam inúmeros acontecimentos dos sertões desse Brasil afora. As crendices, os causos, as estórias encompradas na boca da noite, os medos, a curiosidade e falta de tudo cuidaram de alimentar o imaginário infantil.

E essa é a maior riqueza que eu trago. Mas, como já falado, não transitei somente pelo sertão. Tenho quatro livros publicados. Estreei com livro de poemas, dialoguei com um romance

infanto-juvenil, até chegar em Campineira do Anu Preto. Diariamente, sou capturada pela forma como a vida escoá, lentamente, dentro de muitas casas simples nos povoados, tanto pela literatura, cinema, música ou nas minhas andanças. Muitas vezes, lugares pequenos, de labuta diária. Não se trata de definir esse “lugar do sertão” somente como lugar de sofrimento, de dor e lamento. Mas de recortar algumas das mazelas que podem permear alguns núcleos familiares. A beleza, a poética, a riqueza crua também emolduram esse lugar geográfico. Há também o intento de desconstruir o estigma que esta temática do sertão seria inferior. Assim, o objetivo não é somente retratar um local e suas dificuldades, mas sim em como nos posicionamos diante delas. As personagens dos dois romances em questão têm, em muitas linhas, a vida regida pelas normas simbólicas que nos são instituídas, que não sabemos ao certo quem as impõe, mas que de algum modo somos obrigados a obedecer para sermos considerados “boas pessoas” ou “gente do bem”, como se diz popularmente. Portanto, muitas personagens não vivem somente no imaginário ficcional do sertão de Capineira do Anu Preto.

**Entrevistadores:** Lita Maria, sabemos que você é membro da Academia Palmense de Letras (APL), desde 2012. O que representa para você ser membro da APL?

**Lita Maria:** A honra de ocupara a Cadeira 19, cujo patrono é o escritor Casimiro José Marques de Abreu (Casimiro de Abreu), é indescritível. Por quê? Entendo que os escritores, acadêmicos de uma Academia de Letras, trilham por caminhos cujo material que acomoda seus passos é forjado pela solidez de elementos misteriosos e indescritíveis. Caminhos que os conduzem por veredas literárias, onde ganham o privilégio da imortalidade. Imortalidade viva. Imortalidade que se veste e se transveste de entrelinhas, desde o despertar da primeira sílaba na composição de uma obra, até o amarelado das folhas de um livro a se desmanchar numa prateleira. Imortalidade que se reflete nos incontáveis pares de olhos, diariamente debruçados sobre livros, saciando seus apetites literários. Ocupar uma das quarenta cadeiras da Academia Palmense de Letras (APL) é uma grande responsabilidade. Retrata o compromisso com a imortalidade, traduzida em palavras que ecoam e ecoarão, independente da vida do escritor(a) pulsando por detrás de uma escrivinha. O que a imortalidade demonstra de grandioso, ela escancara como efemeridade. Sopro passageiro de vida. Palavra consolidada. É a memória que perseverará. Nós, escritores(as), contribuimos, com humildade, na nossa missão que nunca

terminará, na sucessão dos escritos de um escritor após o outro, na honra de ocupar uma cadeira, eternizada por um patrono ou patronesse das nossas letras. Temos a certeza implacável da finitude. Deixamos um legado. Mas, o convívio é transitório. Com muita responsabilidade, cultivamos a nossa língua e a nossa literatura, até a hora em que esvair do nosso corpo, o sopro da vida. Daí em diante, a Imortalidade gozará da escrita dos nossos frutos! Frutos tecidos a partir do nosso ser. Escrita imortal, produto de homens e mulheres mortais.

**Entrevistadores:** Você ocupa a Cadeira nº19 da Academia Palmense de Letras, cujo Patrono é o poeta Casimiro de Abreu. Você se identifica com seu patrono? Já fez alguma homenagem para ele?

**Lita Maria:** Casimiro de Abreu partiu tão jovem aos 21 anos. Era uma grande promessa à nossa literatura, porque mesmo tão jovem deixou extensa obra. Ler Casimiro é passear pela sua espontaneidade literária. Eu diria que ele é um poeta popular do Romantismo no Brasil. Esse viés do afeto à casa paterna, o saudosismo da sua terra natal, da meninice, o encanto simples e profundo que inunda a sua escrita é, para mim, inspirador. Também deixo a prosa me pegar pela mão e passear comigo nas minhas reminiscências. E abro um parêntese: “na produção de Casimiro de Abreu, o que vemos são lembranças vividas, ouvidas, desejadas ou inventadas”. Então, sim, me identifico com a produção literária do patrono da Cadeira 19, da Academia Palmense de Letras (APL), que é o Casimiro de Abreu.

**Entrevistadores:** Lita, você acredita que as suas experiências pessoais possam participar das suas criações literárias? Como pensa a questão?

**Lita Maria:** Às vezes, pensando no meu processo de escrita, reflito o quanto tem de experiência pessoal ali, nos casos descritos. Sobre os dois romances ambientados no sertão, talvez pelo fato de alguns personagens estarem ambientados em lugares em que as pessoas tiram da lida diária, à custa de sofrimento, o sustento próprio e o da família, tecendo um dia de cada vez, sem pressa, essa experiência me enlaça e me prende, afetivamente, de um jeito que quase me machuca. Tenho muito orgulho de toda a minha trajetória, desde que publiquei o primeiro livro. Eu me orgulho porque quero aprender, crescer, estudar. Enfim, quero desconstruir

a ideia pronta e acabada e me lançar na experiência de mergulhar nas miudezas, nas sutilezas. Viajar pelo trabalho de parteiras ou benzedeiros me remete ao desconhecido dentro da minha própria casa da infância. Dos oito filhos da minha mãe, só um nasceu em hospital. Carpideira eu não tenho lembranças claras de ter convivido. Mas as ladainhas ecoam nas minhas lembranças, vindas do lugar artesanal de pensar o ciclo da vida. Nascimento e morte. As metáforas de vida e morte que trago em mim, deixam-me entrever o cuidado de mãos habilidosas de mulheres. Mulheres retratadas no sertão que habita cada um de nós.

**Entrevistadores:** Tivemos conhecimento que seu livro “Sobre Dora e Dores” (2021) poderá ser transposto para a linguagem cinematográfica. Esta informação confere? Se sim, poderia nos dizer o que você pensa sobre a relação literatura e cinema?

**Lita Maria:** Essa é uma das maiores comemorações que tive o prazer de viver na minha literatura. Assinei o contrato no dia 29 de setembro de 2021, com a Cena Filmes, produtora do Estado do Tocantins, capitaneada pelo produtor, roteirista, poeta, diretor, ator e professor Thiago Omena e pelo ator, diretor, roteirista e produtor cultural Kaká Nogueira e equipe. Nessa data o compromisso foi selado para fazer o processo de adaptação da obra para o longa-metragem. Será um profundo mergulho no mundo de Dora que escancarará muitas das dores do romance. Atualmente, a equipe está imersa no romance para emergir rumo à construção do roteiro. A pretensão é mostrar, por meio do audiovisual, a possível Dora que habita ou já habitou cada um de nós.

Agradecemos a disponibilidade e contribuição de Lita Maria na entrevista.

**Lucelita Maria Alves** nasceu em 1967, em Turvânia-GO, e adotou como nome artístico Lita Maria. Filha de Anália Maria Alves, uma costureira sonhadora que tinha muitas habilidades para os trabalhos manuais e de Francisco José Alves, um lavrador que apreciava muitíssimo versos e rimas de cordéis e tinha uma caligrafia artística. Lita Maria cresceu em Trindade-GO e dos oito filhos que seus pais tiveram, foi a sexta a nascer. Atualmente, reside em Palmas-TO e em Goiânia-GO. Formada em Letras (Universidade do Tocantins, 1996) e em Psicologia (pelo

Centro Universitário Luterano do Brasil, 2007). É especialista em Administração Pública e Qualidade em Serviços (pela Universidade Federal da Bahia, 1999). Desde 17 de agosto de 2012, Lita Maria ocupa a cadeira nº 19 na Academia Palmense de Letras (APL), que tem como patrono o escritor brasileiro Casimiro de Abreu. Publicou o livro de poemas “Carretel de Rosas” (2012, pela Editora Kelps-GO), em 2013, publica o romance “O Amor de Gato Tigre por Charlotte Cachecol” (pela Editora Kelps-GO). Em 2015, publica o romance “O Canto da Carpideira”, obra que integra a Coleção Literatura Tocantinense (da Editora da UFT-TO). Em setembro de 2021, publica pela Editora Veloso o romance “Sobre Dora e Dores”, livro contemplado pela lei de incentivo à cultura Aldir Blanc. Também publicou crônicas, contos e poemas em jornais e revistas.